

Estudo dos mitos amazônicos numa aproximação com os mitos gregos

NASCIMENTO, Aldenize Pinto de Melo do¹
Faculdade Mauricio de Nassau

Resumo

O presente artigo é fruto de um recorte da dissertação de mestrado em educação – FACED-UFAM “O Mito e sua importância na formação da cultura Amazônica” e tem como objetivo incitar o debate e a reflexão sobre a temática dos mitos, ressaltando as boas possibilidades de aprendizado que eles podem proporcionar. O trabalho aqui apresentado é parte da pesquisa bibliográfica, onde uma análise comparativa entre os mitos gregos e amazônicos evidenciou o valor cultural e educacional de ambos. Nessa comparação o elemento mítico universal, o fogo, nos serve de referencial para a análise dos mitos, tendo como eixo de aproximação doze categorias.

Palavras-Chave: Mito. Educação. Multiculturalismo. Cultura

Abstract

The present article is a result of a masters dissertation in education - FACED-UFAM "The myth and its importance in the development of the Amazon culture" and its goal is to stimulate discussion and reflection regarding the topic of myths, highlighting the good possibilities of learning they can provide. This text is part of the related work section, where a comparative analysis regarding the Amazon and Greek myths showed the cultural and educational value of both. In that comparison, the universal mythical element, i.e., fire, stands as a reference for myth analysis, with twelve categories as approximation axis.

Keywords: Myth. Education. Multiculturalism. Culture

Introdução

Iremos apresentar uma breve analogia entre um mito grego e um mito amazônico com a intenção de evidenciar o valor cultural e educacional de ambos. Nessa comparação o elemento mítico universal, o fogo, nos serve de referencial para a análise dos mitos, tendo como eixo de aproximação doze categorias.

Ferreira (2000), nos diz: O mito “é sempre [...] narrativa de uma criação [...]”, pois conta ao homem como algo passou a existir, desde uma pequena parte do real até o real na sua totalidade. Além disso, expressa uma linguagem própria, a trama da relação que se estabelece entre o homem e o que está à sua volta, lançando o olhar para o momento inaugural em que se deu o aparecimento do Ser, traduz na sua busca o desejo de encontrar a fonte ou origem de tudo o que é e de alcançar o sentido da existência.

¹ Mestra em Educação – FACED -UFAM, Especialista e Licenciada em Filosofia- ICHL- UFAM.

Segundo Brandão (1993), os mitos são os depositários de símbolos tradicionais no funcionamento do *self cultural*, cujo principal produto é a formação e manutenção da identidade de um povo. Essa afirmação de Brandão esclarece o verdadeiro significado do mito diante da realidade, que é perpetuar a cultura de um povo. Por isso precisa-se respeitar o “outro” com sua alteridade e identidade, para assim, resguardar o valor mitológico que se apresenta resistente em nossa Região.

O mito é um elo de códigos que trazem entendimento, é uma fala, um sistema de comunicação, uma mensagem. Como afirma Brandão (1993), o mito é como uma metalinguagem, já que é uma segunda língua na qual se fala a primeira. Eliade (2002) ajuda-nos nesta compreensão, quando cita Malinowski, que de forma clara afirma:

Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário uma realidade viva, a qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática[...]

Entre as funções do mito temos a axiológica, a comunicativa e a estética. A função estética nos lembra que o homem é um ser criador que aprecia o belo e a função comunicativa vem trazendo o fato de que o homem é um ser de linguagem. Uma das formas de linguagem usadas pelos homens são as palavras. Sendo as palavras um dos eixos que movem os mitos, não dá para separá-los, mito é palavra, não há mito sem palavra. Assim como nas narrativas míticas, na literatura as palavras são “manuseadas”, escolhidas e sentidas pelo artífice da palavra, o emissor.

O trabalho do autor de literatura é organizar as palavras de forma criativa, para que produzam um efeito que extrapole a sua significação objetiva (denotação), procurando aproximá-las do sensível, do imaginário (conotação). Nessa tarefa, o escritor, ao basear-se em elementos da realidade, cria sua obra que, embora pareça real, é produto de sua imaginação. Da realização desse trabalho concretiza-se, então, a obra literária, também chamada de obra de ficção.

O escritor vive, observa, questiona, sente seu espaço. Dotado de uma percepção muito aguçada, capta a realidade através dos sentimentos, usando sua imaginação e poder criativo, faz uma leitura sensível do real. Assim, atribui um novo significado à realidade, criando outra realidade. Para tanto, utiliza-se da palavra. Explora com originalidade as várias

possibilidades lingüísticas. Manipula tecnicamente as palavras no nível semântico, fonético e sintático. Podemos ver, dessa forma, a íntima proximidade do mito com a literatura. A matéria narrada é um denominador comum entre o mito e a literatura. Além do mais, o desejo de ouvir e contar histórias parece ser intrínseco ao ser humano. Como nos diz Krüger (2003), o mito nos parece, em virtude da estrutura narrativa disfarçada por trás dos enunciados míticos, ter uma “genuína motivação literária”.

As relações mais comuns entre literatura e mito seguem o padrão ocidental: como os autores do passado se utilizaram dos arquétipos gregos de beleza, justiça e amor, para a concretização de suas obras como escritores do século XX produziram mediante o recurso da recriação do mito, num processo a que E. M. Mielietinski, em *A poética do mito*, chamou de “mitologização”. A análise tradicional, da mesma forma que a produção artística, tinha como referência os valores mitológicos gregos, erigidos à condição de modelos. (KRÜGER, 2003, pág. 14).

Sabemos que durante a analogia se dará um processo de reconhecimento do outro e também de si mesmo, pois estamos na era do intertransculturalismo, isto é, as relações entre as culturas não precisam ser somente de reconhecimento de diferenças, mas de permutas de concepções e valores entre si mesmas, uma postura que transcende o “eu” e “tú” e inclui o “nós” em um discurso polifônico.

Procurando enfatizar a proximidade entre os mitos gregos e os amazônicos, buscando ressaltar a riqueza e valor dos segundos, recorreremos à palavra Irmão de colação². Com ousadia dizemos que entre ambos, de certa forma, há essa relação de irmandade. Mesmo gerados por “mães” diferentes, no caso a cultura e o espaço/tempo distintos, nota-se neles elementos de aproximação: personagens, situações, discursos, “sentimentos” etc. A mesma inquietação frente ao não explicável, o mesmo sentimento de busca de respostas moveu esses dois povos a criarem, de forma cognitiva e emocional, os mitos e lendas.

Ressaltamos novamente que esse diálogo intercultural, essa aproximação entre os mitos gregos e amazônicos é válida, pois não intenta diluir nenhuma das partes aqui analisadas. Pretende, sim, valorizar os mitos como referenciais culturais e, conseqüentemente, educacionais. Como nos diz Zeina Simonetti (2003):

[..]até o século passado houve uma ignorância sobre o que seja realmente a cultura mitológica desta região, uma vez que só recentemente é que surgiu um interesse em sistematizar e quem sabe, universalizar a cultura amazônica, pois ao se fazer comparações com a literatura já existente sobre os mitos percebe-se que as

² Colação – Diz-se de ou individuo em relação a outro que foi amamentado pela mesma mulher, embora filhos de mães diferentes, irmãos de leite. (AURÉLIO, 2001. p. 162)

narrativas mitológicas indígenas da região possuem as mesmas características estruturais defendidas nas teorias existentes sobre o assunto, que foram fomentadas após estudos nos demais mitos considerados universais.

A aproximação entre essas narrativas focalizou pontos convergentes, identificando elementos que foram divididos em categorias como: as personagens, as temáticas abordadas, os espaços geográficos e socioculturais e os elementos da cultura.

Análise Comparativa

O elemento fogo, assim como os demais elementos míticos universais, desempenha um papel de importância nas narrativas míticas. Segundo Seabra (1996), esse elemento é o elemento que mais recebe valorações opostas: é bem e é mal, atrai e aterroriza, é fonte de criação e de destruição. A analogia aqui pretendida, que tem como eixo central o elemento fogo, traz informações tiradas dos livros “Os deuses gregos” de Karl Kerényi (2000), “Teogonia: a origem dos deuses” de Hesíodo com a tradução de Torrano (1991) e “Moronguêta: Um Decameron Indígena” de Nunes Pereira (1967).

Neste rio de mistérios que é o mito, nós empreenderemos num belo buscar, num breve mergulho, usando os recursos disponíveis e tendo a consciência de nossas limitações. Nos arriscaremos nessa trajetória sem a certeza do que traremos à tona das profundezas dos mitos. Segue abaixo a narrativa “O Roubo do Fogo” contada por Inhambutê, escrita na obra “Moronguêta: Um Decameron Indígena”, de Nunes Pereira:

Antigamente Cauaiua secava a comida no sol. Não havia fogo.
O chefe dos Cauaiua, Baíra, foi ao mato, fazer uma experiência.
Cobriu-se e deitou-se, fingindo que estava morto.
Veio a Mosca Varejeira, viu aquele morto e foi avisar o Urubu. O Urubu era o dono do fogo, e o trazia sempre consigo, debaixo das asas, dizem.
O Urubu desceu do céu, então, acompanhado de outros urubus, da mulher e dos filhos.
O Urubu era gente, tinha mãos. Preparou o moquém e pôs debaixo dele o fogo, mandando que os filhos vigiassem. Os filhos viram que o morto estava bulindo. Disseram ao Urubu. O Urubu não acreditou nos filhos. Dissera-lhes somente que fossem matando as varejeiras com as flechinhas que haviam trazido.
Quando o fogo, debaixo do moquém, estava bem aceso, Baíra se levantou, de repente, e o roubou, fugindo.
O Urubu saiu a persegui-lo com a sua gente.
Baíra escondeu-se no oco de um pau. O Urubu e sua gente entraram no oco do pau, atrás de Baíra.
Baíra saiu do outro lado, e atravessou um tabocal cerrado.
O Urubu não o pôde acompanhar.
Baíra chegou à margem do rio, largo, largo.
A gente dele, os Cauaiua, estava na margem de lá. E era muita gente, muita.
Baíra pensou como levaria o fogo roubado do Urubu.

Chamou a Cobra-Surradeira. Pôs-lhe o fogo nas costas e mandou leva-lo para a sua gente. Como a Surradeira corre muito, logo saiu a toda. No meio do rio, porém, a cobra morreu queimada.

Baíra, com um cambito, puxou o fogo para si. E pôs noutras cobras.

As cobras iam até o meio do rio, mas não resistiam ao calor do fogo: morriam.

Baíra, então, pegou o Camarão e pôs-lhe o fogo nas costas. O Camarão foi até o meio do rio, mas não resistiu ao calor do fogo, morrendo queimado, todo vermelho.

Baíra puxou o fogo para si, de novo.

Pegou o Caranguejo e pôs-lhe o fogo nas costas. O Caranguejo foi até o meio do rio, mas morreu como o Camarão ficando vermelho.

Baíra puxou o fogo e pôs nas costas da Saracura. A Saracura, que anda muito, foi até o meio do rio, mas morreu queimada.

Então, Baíra pegou o Cururu. O Sapo foi, aos pulos até perto dos Cauaiua, à espera noutra margem do rio. Como já ia meio morto, de cansaço, os Cauaiua o puxaram para terra com um cambito. E levaram o fogo para a maloca.

Baíra, do outro lado, pensou como deveria atravessar o rio. Mas Baíra era um grande pajé. Fez o rio estreitar-se. Deu um pulo por sobre as águas e foi à procura de sua gente.

Desde aquele dia os Cauaiua tiveram fogo e puderam assar peixes e caças no moquéim.

E o Cururu virou pajé. (Pereira,s/n pág 561).

Apresentamos agora um trecho da narrativa de Hesíodo, encontrada na obra “Teogonia”:

E colérico disse-lhe Zeus agrega-nuvens: ‘Filho de Jápeto, o mais hábil em seus desígnios, ó doce, ainda não esqueceste a dolosa arte’.

Assim falou irado Zeus de imperecíveis desígnios depois sempre deste ardil lembrado negou nos freixos a força do fogo infatigável aos homens mortais que sobre a terra habitam.

Porém o enganou o bravo filho de Jápeto: roubou o brilho longevésível do infatigável fogo em oca férula; mordeu fundo o ânimo a Zeus tonítroo e enraivou seu coração ver entre homens o brilho longevísível do fogo. (Teg. V. 558-6).

Tendo como referência essas narrativas, montamos um quadro comparativo onde podemos perceber várias convergências entre elas, estabelecendo categorias para análise. Segue abaixo o quadro:

Analogia – Elemento Fogo			
1)	Espaço Geográfico	Grécia Antiga	Vale do Rio Madeira-AM Índios Cauaiua – Parintintim
2)	Protagonista	Prometeu – Semideus grego	Baíra – chefe dos Cauaiua
3)	Antagonista	Zeus	Urubu
4)	Personagem Secundário	Homens	Homens
5)	Temática Abordada	O roubo do fogo	O roubo do fogo
6)	Situação Problema	a) Não havia fogo na Terra, somente no Olimpo, na morada dos deuses.	a) Não havia fogo na Terra, somente na morada do Urubu que ficava nas alturas.

		b) Zeus era o portador do Fogo e não desejava dividi-lo com os mortais.	b) O Urubu era o detentor do fogo e não desejava dividi-lo com ninguém que não fosse da sua família.
		c) Os homens se alimentavam de comida crua	c) Os homens secavam a comida no sol para poder se alimentarem.
		d) Os homens se igualavam aos demais animais por terem que se alimentar de comida crua.	d) Os homens se igualavam aos demais animais por terem que se alimentar de comida crua.
7)	Desenrolar	a) Um ser superior (semideus) aos mortais, intercede pela humanidade	a) Um homem superior (herói) ao seu povo, intercede por sua tribo.
		b) Secretamente o herói tirou o fogo da lareira do palácio divino de Zeus, que ficava no céu, no Olimpo.	b) O herói fingiu-se de morto. O urubu, dono do fogo, veio do céu para cozinhar o herói, e para isso ascendeu o fogo. Quando o fogo estava bem aceso, o herói levantou-se rapidamente, pegou a tocha de fogo, e em seguida fugiu.
8)	Clímax	a) Escondeu a chama de fogo no caule oco de um nartéx, que é a mesma espécie de planta que servia nas procissões dionisíacas. O herói brandia a haste para que a chama de fogo não se apagasse.	a) Perseguido pelo Urubu, o herói esconde-se com a tocha de fogo, dentro de pau oco. Depois de despistar o Urubu, o herói pede ajuda a alguns animais para levar o fogo até o outro lado do rio. Tem sempre o cuidado de não permitir que a chama se apague.
9)	Solução	a) Prometeu correu alegremente como se voasse de volta à humanidade. b) Ele lhes entregou a porção do fogo.	a) Baíra enviou o Sapo Cururu, o qual com sacrifício conseguiu chegar a outra margem do rio. Este entregou o fogo aos homens da tribo. b) Depois Baíra estreitou o rio e deu um pulo sobre as águas e foi procurar sua gente.
10)	Conclusão	a) Os homens puderam assar comida e se distinguiram dos demais animais.	a) Desde aquele dia os Cauaiua tiveram fogo e puderam assar peixes e caças no moquéem.
11)	Arquétipos	a) Sexo masculino	a) Sexo Masculino

		b) Não era alguém comum, era um deus.	b) Não era alguém comum, era o chefe da tribo e possuía poderes divinais.
		c) Demonstrou compaixão pelos mortais.	c) Demonstrou preocupação com sua tribo.
		d) Teve coragem para desafiar o detentor do fogo.	d) Teve coragem para desafiar o detentor do fogo.
		e) Usou astúcia para enganar	e) Usou astúcia para enganar
		f) Teve uma fuga rápida	f) Teve uma fuga rápida
		g) Durante a fuga esforçou-se para manter o fogo aceso	g) Durante a fuga esforçou-se para manter o fogo aceso
		h) Escondeu o fogo em uma planta oca	h) Escondeu o fogo em uma planta oca
		i) Não guardou só para si o poder do fogo, deu aos homens.	i) Não guardou só para si o poder do fogo, dividiu com a sua tribo.
12)	Valores culturais	a)O fogo como símbolo de poder e força; quem detém o fogo é um ser poderoso.	a)O fogo como símbolo de poder e força; quem detém o fogo é um ser poderoso.
		b)Tanto o primeiro detentor do fogo quanto o ladrão do fogo são do sexo masculino, revelando que poder e força seriam características masculinas.	b)Tanto o primeiro detentor do fogo quanto o ladrão do fogo são do sexo masculino, revelando que poder e força seriam características masculinas.
		c) O fogo como símbolo de mudança, uma nova era, novos comportamentos.	c) O fogo como símbolo de mudança, uma nova era, novos comportamentos.
		d) A tomada do fogo é uma conquista adquirida com empenho, uma luta e um desafio. Isso demonstra que o avanço e a evolução exigem esforço.	d) A tomada do fogo é uma conquista adquirida com empenho, uma luta e um desafio. Isso demonstra que o avanço e a evolução exigem esforço.
		e) A inteligência é uma arma usada na aquisição do fogo. Se não for possível desafiar fisicamente o opositor, a astúcia poderá ser uma arma para superá-lo.	e) A inteligência é uma arma usada na aquisição do fogo. Se não for possível desafiar fisicamente o opositor, a astúcia poderá ser uma arma para superá-lo.
		f) Somente alguém superior, diferenciado dos demais, poderia realizar tal feito.	f) Somente alguém superior, diferenciado dos demais, poderia realizar tal feito.

Segue abaixo um resumo da análise do quadro comparativo:

Espaço Geográfico: A análise da categoria Espaços Geográficos traz à reflexão a questão da universalidade dos mitos. Como uma narrativa mítica narrada na Europa, isto é, na Grécia, pode se aproximar tanto de uma narrativa do Brasil, no Vale do Rio Madeira, no

Estado do Amazonas? Kilômetros de distância se ligam pelo fato de que esses dois irmãos de leite beberam da mesma fonte: o “leite” da necessidade humana de explicações. Esses irmãos, unidos por uma relação de colaço, carregam em si idéias de um grupo específico, mas também os desejos, medos, questionamentos e vontades de uma natureza comum à humanidade. Esse impulso de criar explicações que lhes garantissem um tipo de segurança foi construído em séculos de convivência entre homem x homem e homem x natureza. Em seu livro “História Universal”, Wells (1968) traz uma explicação sobre como os mitos foram elaborados pelas mentes dos homens. O autor afirma que os grandes primatas - os “sub-homem” - criavam os seus filhotes sob a tutela do medo. Esses filhotes tinham medo do velho macho, o qual por inveja matava ou expulsava o jovem macho que ousava lhe afrontar. O moço tinha medo do Homem Velho e esse medo foi o começo da sabedoria social. O medo do Pai, do Homem Velho, passou, imperceptivelmente, ao medo do Deus Tribal. Como podemos ver, através da explicação de Wells, afirmar a irmandade dos mitos gregos e amazônicos não é algo inaplicável.

Protagonista: Temos para análise dois grandes heróis míticos: o grego Prometeu e o amazônida Baíra. Ambos apresentam-se nas narrativas como heróis civilizadores, isto é, iniciadores de uma nova era, uma nova ordem mundial. Através do engano e da imaginação, a astúcia de Prometeu pôde vencer o sábio poder de Zeus “o de maior glória”, assim como Baíra fez com o Urubu egoísta detentor do fogo. Prometeu e Baíra mostraram-se na narrativa mítica como aqueles que ousaram romper com a ordem estabelecida, são os “messias” do fogo. Bons em si mesmos, arriscam a própria vida para trazer a terra aquilo que só estava no poder dos que habitavam nos altos céus. Na narrativa mítica dos índios Cauaiua, Baíra se finge de morto e, com isso, alcança o fogo celeste e o traz aos homens. A ideia central é a do herói intercessor.

Antagonista: Zeus e o Urubu são habitantes das regiões celestiais, representam as forças opositoras aos heróis Prometeu e Baíra. Seres portadores de um bem exclusivo, ou no caso do Urubu, particular de sua família, esses guardiões do fogo estabeleciam a diferenciação entre os homens e os privilegiados com a chama que fazia os alimentos mais saborosos. No caso de Zeus, sua atitude de reter o fogo no Olimpo acabava igualando os seres humanos aos demais animais, já que homens e animais seriam considerados como comedores de carne crua. Nesse ponto, percebemos a temática do cru e do cozido, os padrões de comportamento que diferenciam os homens dos demais animais, a forma como consumiam seus alimentos. Os antagonistas das narrativas aqui analisadas diferenciam-se entre si pela sua natureza, já que

Zeus é um deus e o urubu era um “animal gente”. O outro antagonista, o Urubu, não era um deus como Zeus o era, repartia a chama de fogo somente com os seus familiares. Essa ação protecionista destinava os homens a comerem carne seca ao sol. Ao resguardar o direito de seus familiares a usufruírem do fogo, exclusivamente, o Urubu faz o que cada grupo familiar vive diariamente, a luta pela manutenção da vida. O embate entre o Urubu e Baíra não era entre desiguais, no que diz respeito à natureza deus x homens. Neste caso, o aspecto contrastivo eram os recursos disponíveis - asas x pés - já que ambos, o Urubu e Baíra, possuíam mãos, as quais lhes serviam para preparar o alimento de cada dia, coisa que era dispensável ao grande deus grego, Zeus. Percebe-se que os guardiões e portadores do fogo tinham ídolos próximas aos dos homens mortais.

Personagem Secundário: O homem - ápice da natureza, segundo alguns - passa a ser, nessas narrativas, personagem secundário. É apresentado como beneficiário do sacrifício dos heróis. Este homem, impotente e insuficiente para atingir seu desejo de alcançar o fogo, precisa contar com mão intercessora daqueles que possuem habilidades necessárias para conseguirem tal feito. Homens cheios de limitações e medo, mas também criadores de possibilidades e coragem. Passam a usufruir de um bem maior, algo que os exalta entre os demais seres da natureza, o fogo. Eles saberiam, a partir de então, como usá-lo, manuseá-lo, dominá-lo, criando para si benfeitorias. Mudaram-se então seus hábitos alimentares; antes só comiam vegetais, carne crua ou seca ao sol, agora poderiam acrescentar a sua dieta mais proteína e gordura animal, assadas ou saborosamente cozidas. Seu modo de habitação também recebeu um algo a mais com o aquecimento do seu ambiente; resistiriam mais ao inverno, iluminariam os lugares escuros que outrora não eram explorados. Com o fogo, a escuridão se dissipava. E assim o homem faz a arte de criar através do fogo, forjar o ferro, cozer o barro, cozinhar os alimentos, enfim, o fogo desperta no homem o poder de criação, para ser o que são, com seus haveres de bem ou de mal. A tecnologia chega à vida do homem através do fogo, sua vida ganha mais segurança e conforto. Sua imaginação explode com criações, buscando sempre melhorar sua forma de lidar com seu meio. Esse é o homem - não pôde conquistar o fogo que chegou a ele através de uma posse indevida, mas lhe coube dominá-lo. Com o fogo, fonte inextinguível de luz, veio a possibilidade da técnica. Fogo na medida certa é o segredo da sua evolução tecnológica.

Temática Abordada: O Roubo do Fogo é a temática central das narrativas míticas aqui analisadas. O elemento fogo é um dos mais presentes nas mitologias universais, é associado a poder e força pois seu caráter consumidor assusta e, ao mesmo tempo, atrai o

homem. O fogo é associado ao sol, como emblema de ressurreição de ressurgimento. O sol todos os dias consome seu movimento de alvorecer e depois finaliza seu aparecimento com o crepúsculo. O fogo possui mobilidade, brilho, e traz a alegria. Esse elemento é o símbolo daquilo que nos instiga a refletir, algo que incomoda e também conforta, não pode estar ausente. Assim, é a busca pelo aprendizado, uma angústia que precede uma alegria, a qual em seguida traz uma outra angústia. Por isso o fogo deve ser guardado para sempre, no entanto ele foge incessantemente. Traz com ele mistério e o desvelar de mistérios; quem o possui, tem o poder. Também tem um significado sexual, é aquele que traz a cobiça, que consome o seu objeto de desejo, é aquele que faz o coração arder de paixão, mas também é aquele que pode ser apagado.

Situação-Problema: As narrativas nos apresentam situações problemas parecidas, nas quais a ausência de fogo é ocasionada por uma ação de um ser que habita nas alturas. O Olimpo e a casa do Urubu representam um lugar inalcançável por seres comuns, revela o desejo humano de atingir os lugares altos. A altura fascina o homem, voar sempre foi um desejo da espécie humana; ir além daquilo que seus pés alcançam, criar recursos para atingir o inalcançável. Segundo Eliade (1992), em algumas línguas o nome da divindade suprema significa “o que está no alto”. O Olorum, do culto afro é um desses nomes. O Deus cristão, o Alá dos mulçumanos e o Jeová dos judeus habitam nos altos céus e prometem aos seus seguidores um pedaço desse céu como uma nova morada. Dividir é compartilhar, isso remete à idéia de acordo, união, comunidade, comum unidade. Na narrativa grega o uso do fogo pelos humanos seria uma desmedida, já na narrativa amazônica tratava-se do “guardar o bem”.

Desenrolar: A limitação humana em não poder alcançar o fogo celeste desperta sentimentos de comisseração nos heróis. Prometeu e Baíra, os quais estavam cientes da necessidade do homem em possuir o fogo, sabiam que seu alimento, sua moradia e sua vida melhorariam com o manuseio do fogo. Mas os protetores do fogo não permitiriam ao homem tomá-lo para si. Zeus e o Urubu preferiam sua possessão - como vimos anteriormente, cada um com seus motivos - mas ambos relutavam em ceder o “bem ardente”. Nas narrativas da humanidade, sempre aparece a figura do herói - aquele que, sem desejar bem para si mesmo, entrega-se sem medidas em favor dos necessitados e desfavorecidos. No caso da narrativa grega, temos Prometeu, um semideus, quase um deus. Somente ele poderia realizar tal ato, a desmedida, isto é, sair da medida que lhe fora dada pelo Destino, já que ele não era um deus completo. Ele sentia pena pelos mortais. Prometeu não usufruía das benéficas da sua

divindade sem esquecer a sua porção de “humanidade”. O índio Baíra, assim como Prometeu, não era um homem ordinário. Era um líder, destacado por sua valentia, forte e corajoso, alguém que apresentava ares de superioridade, não se confundia entre os comuns.

Clímax: O ponto culminante das narrativas míticas sobre o roubo do fogo se dá no momento em que os protagonistas, Prometeu e Baíra, de forma inteligente, escondem a chama desejada. Prometeu a oculta dentro de um caule oco de um vegetal que tem por nome nartéx. Já o herói ameríndio se esconde, portando a tocha acesa, dentro de um pau oco. Ambos traçam a mesma estratégia, isto é, usam, de certa forma, as árvores como suas cúmplices durante a fuga. A árvore - ente que tem uma ligação com a terra e com o céu, uma vez que possui as raízes na terra e seus galhos são normalmente direcionados ao céu, em uma ligação vertical com a natureza - suga forças da terra e namora o céu. Ela é cercada de simbolismos como transição, crescimento, frutificação, fertilidade, relacionamento, vida nova, ciclo de vida. Percebemos ainda, nas narrativas, o anseio por permanência, constância e conservação. Quando Prometeu brandia a haste para que a chama de fogo não se apagasse, ele revelava um dos sentimentos que acompanham as pessoas, a insegurança. O herói procurava manter o fogo sempre aceso para não permitir que todo o esforço por ele realizado se tornasse em vão. Baíra também evidencia essa preocupação quando pede ajuda aos animais para manter o fogo aceso durante a travessia do rio. Percebe-se o temor de não cumprir a tarefa que ele mesmo escolheu, o medo de não ser reconhecido, de não ter seus esforços recompensados. São receios, sombras do inconsciente comuns à existência humana. No entanto, essa ação de nossos dois heróis demonstra também perseverança e uma insistência em lutar pelo que se almeja.

Solução: O Sapo se apresenta nesse ponto como um ser de passagem, aquele que faz a comunicação entre o fogo celeste e os homens da terra. Não é a toa que, depois da obtenção do fogo, o Sapo Cururu tornou-se o pajé, aquele que conhece os segredos da comunicação com os entes superiores, seres celestes, espíritos. Na narrativa amazônica, verifica-se que, após a passagem do fogo, o herói Baíra estreitou o rio para atravessá-lo a pés enxutos. Ele deu um pulo para a outra margem do rio e foi procurar sua gente. Se Baíra poderia estreitar o rio, por que não o fez quando estava com a posse do fogo? O fogo precisava tornar-se um ente da terra. Baíra já era um ser da terra, não precisava passar pelo mesmo trajeto que o fogo. A chama desejada necessitava passar pelas águas e não pular sobre elas. O fogo tinha que percorrer esse caminho: ar, água e terra. Vir dos ares, passar pelas águas e habitar na terra dos homens, uma viagem de descida, um pousar, um vôo descendente, a imersão no mundo dos

homens, o espírito da mudança vindo dos altos para as águas, e das águas para a terra. Em relação à porção do fogo dada aos homens, percebe-se uma diferença. Isso se dá pelo fato de que, no mito grego, a centelha derivada do fogo celeste - fruto do roubo e da astúcia de Prometeu - faz transparecer a distância que separa os deuses dos homens. Entre os imortais está a força sempre viva do fogo, “infatigável”, como são os próprios deuses. Entre os homens, uma chama roubada, que se alimenta da inextinguível fonte divina, conforme a mitologia grega. Nada é dado aos mortais que não esteja lhes indicando a sorte. Nos atributos dados aos homens, estão os sinais que indicam os limites do seu ser, o que são e o que não são, o que lhes pertence e o que lhes falta: diferentes dos deuses, precisam alimentar-se para viver; diferentes dos animais, usam o fogo para cozinhar o que comem.

Desfecho: O acesso ao fogo fez com que o homem subisse na escala da distinção entre seres racionais e irracionais. O roubo do fogo por Baíra e Prometeu abriu um leque de novas opções para o homem. Já apresentamos o marco do antes e depois da chegada do fogo aos homens no item “personagem secundário”, mas ressaltamos o fato desse homem limitado inaugurar uma nova fase em sua vida, a era dos engenhos; a do homem como ser inovador, semelhante aos deuses, pai dos fatos, gerador das ações, consciente da necessidade das mudanças. Assim, o homem se emancipou. A carta de alforria que libertou o homem da fase de ausência de criação com o fogo não foi dada pelos seus algozes; foi ganha mediante a luta, mas não a física. O embate se deu no nível do intelecto, planejamento, astúcia, cuidado, veio por intermédio de heróis, intermediadores audazes, cooperadores da emancipação humana. Qual foi a parte do homem nessa labuta? Manter-se livre, cultivar a liberdade, conservar a conquista, aproveitar esse novo momento, mergulhar na fase da inspiração, ousar ser criador, parar de ser somente criatura, brincar de ser deus.

Arquétipos: O conceito de arquétipo trabalhado por Jung (1983) nos faz lembrar que, apesar de sermos seres únicos e singulares, temos ao mesmo tempo um “algo” que nos aproxima do outro. Isso não decorre só do fato de termos um corpo físico com as mesmas necessidades básicas; o que nos une vai além do material, perpassa pela metafísica, no mundo dos sonhos, dos medos, do inconsciente que dirige o consciente, é aí que reside o arquétipo. Nos mitos aqui verificados, é traçado o padrão de homem através do modelo sugerido pelo perfil dos heróis Baíra e Prometeu. Aqui entramos na questão do sentimento de amparo, de ser defendido, amado, ter alguém que luta por você; trata-se do anseio de seguir um modelo, ter um alvo estabelecido. É o homem que cunha um deus para elegê-lo como criador, juiz, amigo e pai. Nesse ponto, desembocamos diretamente na idéia de alienação. Os mitos trazem o

caminho a ser percorrido para ser e ter a natureza do herói. Todos desejam ser heróis, especiais e ícones dentre os outros, anseiam atingir o ápice dos padrões sugeridos. No perfil dos heróis Baíra e Prometeu encontramos pontos comuns. O arquétipo por eles defendido é de um ser dotado de um espírito de liderança, alguém incomum, portador de virtudes como compaixão, empatia, persistência, constância, permanência, generosidade em compartilhar das benéficas do fogo. No aspecto físico, percebemos características como sexo masculino, força física e agilidade - essa é a representação do herói, eleito como o modelo para os homens. A criação de arquétipos é uma forma de garantir o controle dos padrões de comportamento. O arquétipo passa a idéia da necessidade do homem comum tornar-se igual ao herói. Padrões altos, desejos altos, levam a ações melhores, mais ambiciosas no sentido de moldar-se ao arquétipo estabelecido, mantendo, assim, a ideologia.

Valores Culturais: Sabemos que valores culturais são aspectos da cultura eleitos como ícones de importância singular, já que cultura é um amplo conjunto de conceitos, símbolos e atitudes que modelam uma sociedade - incluindo o que pensamos e fazemos. E cada cultura tem seus próprios valores e sua verdade. Com isso, percebemos que os valores culturais nada mais são do que aquilo que um grupo elege como importante. Como aquilo que pode manter os interesses de uma determinada classe em uma sociedade. As narrativas aqui verificadas apontam para um valor cultural que busca assegurar a figura do homem como detentor do poder, da autoridade e da força física. Percebemos a escolha do sexo masculino como personagens centrais, tanto os protagonistas como os antagonistas - o macho eleito para ser o portador do fogo, Zeus e o Urubu, e também para ser o solucionador da situação problema. A tomada do fogo como símbolo da inauguração de uma nova fase é realizada por seres do sexo masculino, Prometeu e Baíra. Quando esses tomam o poder em suas mãos, apontam para o marco da ascensão do patriarcado e a manutenção desse patriarcado, isto é, reafirmam a posição do homem como chefe. Tanto o poder político como o religioso, ficaram no monopólio dos homens. Não se percebe a presença feminina nos mitos do roubo do fogo, no caso da narrativa grega. Posteriormente, a mulher aparecerá, mas como um castigo para a humanidade, presente dado por Zeus aos homens - trata-se de Pandora, a mulher que traz os males ao mundo. Dessa forma, o sexo feminino teria que se conformar com a postura que se lhe era exigida, a de ser liderada. Isso busca solidificar a posição do sexo masculino como o redentor e poderoso, deixando para a mulher a posição de subalterna. Do mesmo modo, a idéia de punição é uma forma de manutenção do poder. No caso do mito grego, Prometeu recebeu um longo castigo, tendo a Águia para devorar seu fígado diariamente. É certo que ele

foi liberto depois, mas a idéia de um possível castigo para aqueles que se posicionarem contra as autoridades é evidente na narrativa. Aquele que ousa se levantar contra o seu líder é passível de correção, a qual pode vir de inúmeras formas: exclusão, castigo físico, remoção de alguns benefícios, enfim, para se coibir a afronta contra as autoridades cria-se a idéia de repreensão para os rebeldes. Ressaltamos que os mitos amazônicos são sim um certo tipo de ideologia que procura resistir a outras ideologias, como a européia, a cristã e a norte americana, é um embate, mesmo que velado, entre idéias e sentimentos, isto é entre valores culturais.

Considerações finais

Na pesquisa bibliográfica, nossa pretensão inicial foi uma aproximação, entre os mitos gregos e amazônicos, buscando revelar que o espírito humano possui traços comuns. Não pretendíamos medir forças entre os mitos gregos e os amazônicos, a intenção sempre foi inquietar para o fato de que, assim como os mitos gregos são referenciais culturais, os mitos amazônicos também o são, pensamos ter conseguido esse feito. A pesquisa bibliográfica ressalta o valor educacional dos mitos e destaca que os mitos gregos e amazônicos podem ser tratados com a mesma ênfase, pois vimos que o mito do fogo é narrado com as mesmas características e elementos; tratando-se de uma história grega e outra, amazônica.

Podemos dizer que essa conexão entre os mitos gregos e amazônicos se dá ou por coincidência ou por migração de povos e culturas ou por a origem da humanidade ter sido de um mesmo ponto, espalhando-se partículas pelo mundo inteiro quando se deu a migração dos povos, a essa teoria de Wegener (apud Guerra, 2000) dá-se o nome de *Pangeae*³.

O mito, um composto de sonhos e realidades, um gênese que abre para outros vários inícios, a junção de cogito e razão. Sem um começo prévio e sem um fim previsto. Soma de saberes e conhecimentos, um resumo de desejos e leis. Apenas mito, encontrado em todos os lugares e disperso entre os conhecimentos, sempre presente, contemporâneo aos homens e às mulheres. Portanto, vivo e subsistente no tempo e no espaço.

Referências

AURÉLIO. Século XXI o **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

³ Teoria da Deriva Continental - hipótese de que os continentes estiveram unidos anteriormente, formando um único continente. Esse foi se movimentando e se distanciando, formando os atuais continentes.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: O dilema da educação. São Paulo:Edições Loyola. 1999.

BOGDAN, Robert. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Volume I e II. Petrópolis, Vozes.RJ, 2000.

_____. **Mitologia Grega**. Petrópolis, Vozes. RJ, 1993. V.I e II

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento,1999.

CHAUÍ, Marilena.**Convite a Filosofia**.Editora Ática, SP, 2003.

ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. **Mito e Realidade**. Perspectiva, SP, 2002.

FERREIRA, Lúcia Rocha. **No Principio eram as musas**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

GUERRA, Antonio José Teixeira e Sandra Bapista da Cunha (organizadores). **Geomorfologia e meio ambiente**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Tradução e estudo de jaa Torrano. São Paulo: Editora Iluminuras, 1991.

JUNG, Carl Gustavo. **Psicologia da Religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes. 1983.

KEHÍRI, TORÃMU.**Antes o mundo não existia**: mitologia dos antigos Desana-Kehíripõrã/Tõrãmu Kehíri, Umusi Pãrõkumu; 2º edição. São João Batista do Rio Tiquié:UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995. (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro).

KRÜGER, Marcos Frederico. **Amazônia: Mito e Literatura**. Manaus: Valer, 2003.

SIMONETTI, Zeina Paula Reis do Couto. **Jurupari**: do mito à literatura. Dissertação de mestrado. Manaus:UFAM, 2003.

WELLS, H.G. **História Universal**. Trad. Anésio Teixeira. 7º ed. S.P.:Nacional,1968.